

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Romão Antunes

registada em 2008-09-25
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

José Romão Antunes

José Romão Antunes nasceu na Eira da Bouça, a 4 de Setembro de 1935. Os pais chamavam-se José Romão da Luz e Ana da Conceição. O pai esteve 35 anos no concelho da Covilhã, empregado numa casa, era ajudante de camionista. A mãe foi sempre na agricultura, a cultivar os milhos, as batatas. Romão tinha um irmão. Tinha 6 anos, começou a guardar cabras. “Quando havia de ir para a escola andava a guardar as cabras ou a cultivar as terras.” Nunca foi à escola. Não o deixavam. Aos 23 anos empregou-se em Cebola. Foi no ano em que se casou. Trabalhou nas minas oito anos, no mesmo patrão do pai. Foi ajudante de camionagem. Depois foi para Lisboa, onde esteve dez anos. Trabalhava na cortiça. “Levava fardos para a praia, às costas e descalço.” Quando regressou à aldeia, trabalhou oito anos na resina. Teve uma taberna, durante 20 e tal anos. “Tinha um macho, a acartar, a transportar aguardente e vinhos para trás da serra para o concelho da Covilhã.” Depois da resina, foi trabalhar para um empreiteiro de Penacova. Ao fim de 14 anos, reformou-se e veio para casa.

Índice

Identificação José Romão Antunes.....	4
Ascendência José Romão da Luz e Ana da Conceição.....	4
Infância "Os bonecos eram uma corda e um podão".....	7
Educação "O saber ler faz sempre muita falta".....	10
Religião "Para comungar, tinha que ser em jejum".....	10
Casa "As casas de banho eram em baixo de uma oliveira".....	11
Percurso profissional "Com o saco às costas".....	11
Lugar A Ilha da Madeira.....	14
Costumes Usos e costumes.....	17

Identificação *José Romão Antunes*



José Romão Antunes (1998)

Chamo-me José Romão Antunes. Nasci aqui, na Eira da Bouça, a 4 de Setembro de 1935.

Ascendência *José Romão da Luz e Ana da Conceição*

Os meus pais chamavam-se José Romão da Luz e Ana da Conceição. Eram daqui, naturais de Chãs d'Égua. O meu pai nasceu na Eira da Bouça. A minha mãe nasceu na povoação. Trabalhavam na agricultura. Ele esteve muitos anos desempregado. Naquele tempo não havia Caixas, não havia nada. Esteve 35 anos no concelho da Covilhã, empregado numa casa. Era ajudante de camionista. A

minha mãe foi sempre na agricultura, a cultivar os milhos, as batatas. A vida dela foi sempre essa.



José Romão da Luz, pai de José Romão Antunes (1980)

A minha mãe era a mais disciplinadora. Estava sempre em casa. Às vezes, eu levava porrada. Que remédio tinha eu senão aguentar-me. O meu pai, esse, praticamente andou quase sempre fora de casa. Andou toda a vida fora, como eu.

Eu tinha um irmão. Éramos muito amigos. Íamos daqui para Cebola, para a Covilhã, para as Minas da Panasqueira a pé, de noite. Tanta vez! Morreu com 19 anos, com um cancro no sangue. Tinha agora, se fosse vivo, 67 anos. Esteve oito meses no hospital de Santa Maria em Lisboa. Depois, veio para aqui. Morreu-nos entre as vésperas do Ano Novo. É assim a vida. Assim se vai passando. Assim vamos andando e cá andemos até calhar. Até cá andar.



Ana da Conceição, mãe de José Romão Antunes (1980)

Conheci os meus avós. Todos os quatro, os da minha mãe e os do meu pai. Tinha uma boa relação com eles. Ainda hoje me lembro da minha avó. Já morreu há muitos anos. Os pais da minha mãe morreram, tinha eu 8 anos. Os pais do meu pai, tinha 10, quando eles morreram. Qualquer um deles era muito meu amigo e eu era amigo de qualquer um deles. Também fazia o que queria. A minha avó andava sempre a dar-me dinheiro:

- "Toma lá 5 tostõezitos..."

E eu, todo contente. Lá andava aos 5 tostões. Andava-nos sempre a dar dinheiro.

Naquela altura, havia mais respeito pelos mais velhos. A vida era outra! Mais velhos e mais novos. Alguma vez se compara aquele tempo, que a gente se criou, com agora? Não é nada que se compare.



António Romão Antunes, irmão de José Romão Antunes (1960)

Infância *"Os bonecos eram uma corda e um podão"*

Eu ajudava os meus pais. Que remédio tinha eu. De pequenino, puto, miudito, comecei a cavar as terras. Aqui, as terras é tudo malhado com uma enxada. Não havia tractores, não havia nada. Nem há agora nem havia naquele tempo. Tinha 6 anos, comecei a guardar cabras. Andei com a cabrada na serra, perto de Sobral de São Miguel. Pertencia à Covilhã. Com a idade de 6 anos e descalço. Andava a guardá-las para elas não fugirem. Nunca perdi nenhuma. Aquilo não se perdia. Andava tudo guardado. Quando havia de ir para a escola andava a guardar as cabras ou a cultivar as terras. De manhã, a gente em lugar de estar a dormir, ia roçar o mato, buscar mato para botar ao rojo dos animais, para fazer o estrume. Com 13 anos, fui a pé daqui para Arganil duas vezes. Era a nossa vida assim.

Quando a gente era puto, era uma côdea de pão rijo de meses, que comia. Agora, é chuchas que dão aos miúdos. No meu tempo, era broa rija embrulhada num trapo! Metiam aquilo na nossa boca, a gente chupava e era bem bom.

Ainda comi uma sardinha dividida por três. No outro tempo, uma sardinha era dividida por três. O que hoje comia a cabeça outra vez comia o rabo e, para outra vez, comia o meio. Ia-se às feiras de Oliveira, a pé, e trazia-se a sardinha. Já naquele tempo, quando eu era miúdo, ainda não havia a feira da Vide. Aquilo não era aos quilos. Era sardinha salgada em caixas. Um cento, dois centos... Vinha com sal. Chegava aqui e lavava. Era lavada, era enfiada numas "fuseiras" dos chapéus, pelos olhos e punha-se em cima do lume para secar. Outros eram nuns cestos de corra. Metiam lá um "carquejo" destes matos no fumo e penduravam-na por cima do lume para enxugar. E ia-se comendo aquilo, regrado para todo o mês. Só ao outro mês é que se ia buscar mais. Mas seca, sequinha, era tão boa. À minha avó, que Deus tem, roubei-lhe tantas sardinhas... Às vezes, quando eu a apanhava pendurada, lá ia eu! Comia-a sem pão, sem nada. Naquele tempo, quando me começo a lembrar, era assim. A sardinha era boa. Agora não. A sardinha agora já não é como naquele tempo.

Lá em casa era um ambiente bom. Foi sempre bom. A casa dos meus pais, ainda assim, foi sempre mais ou menos remediada.

"Nunca se passou fome em casa"

No ano da fome, da miséria - andava eu de 7 para 8 anos -, nunca se passou fome em casa. Foi um ano de sequeira. Andavam a transportar aí o milho de noite. Iam buscá-lo a Pomares, Sobral Magro, Soito da Ruiva, de noite, nuns machos. Atravessavam no Piódão, carregados de cereais, tinham que lhes pôr umas serapilheiras nas ferraduras para não fazerem barulho. Senão, eram presos, ainda por cima. Era contrabando. Tinha que ser. Não deixavam circular as coisas, naquele tempo. Uma pessoa queria 1 quilo de açúcar, só lhe davam meio quilo. Queria 1 quilo disto ou daquilo, só lhe davam metade. Naquele tempo era assim. A vida era assim.

Brincávamos uns com os outros ao que calhava. Às vezes, a mocidade fazia umas brincadeiras. Mas, naquele tempo, não havia vagar de brincar. A malta não tinha tempo para se entreter a jogar. Ainda a gente era putozitos, já nos traziam a trabalhar aí nas terras. Não havia bonecos como agora há. Havia poucos jogos. Os bonecos eram uma corda e um podão ao ombro e ir buscar mato e lenha para queimar à noite. Os bonecos que havia eram esses. Os jogos era o podão e a corda. Era trabalhar e trabalhar. Agarrados a uma enxada a cavar terra. Era o desporto da malta.

"Valia mais o pouco que agora o muito"

Naquele tempo, valia mais o pouco que agora vale o muito. A gente ia à feira da Vide com 100 escudos, vinha carregado e ainda trazia dinheiro. Agora, a gente vai às feiras, troca 20 euros e não traz nada. Vem-se embora sem nada. Quando íamos para a Senhora das Preces, juntávamos a rapaziada nova, lá íamos, todos contentes, que havia lá as festas. Os meus pais e a minha avó davam-me 5 tostõezitos e eu ficava todo contente, com 5 tostões no bolso. Lá havia medalhas, daquelas de açúcar, à venda. Umas medalhas redondas, com um fio para a gente pôr ao pescoço. Comprávamos aquilo. Lá gastava o dinheiro, mas vinha todo encantado da vida...



José Romão Antunes com o filho mais novo António e com a mãe Ana da Conceição (Serra da Estrela, 1975)

Os meus filhos agora não se importam dessa vida. Eu já lhes tenho dito:

- Vocês, agora, não sabem o que é a vida. O que a gente passou no outro tempo...

Eles começam a rir-se para mim. Os gajos ainda riem, por cima. Não acreditam. O meu mais novo não acredita que é verdade aquilo que a gente diz. Eu, às vezes, digo para ele:

- Vocês haviam de saber só metade do que a gente passou no outro tempo.

E os que vieram na minha frente ainda passaram pior que a gente passou. Esses é que passaram a vida negra. Diziam os antigos. Eu não vi.

Educação *"O saber ler faz sempre muita falta"*

Nunca fui à escola. Nunca entrei numa escola. Não me deixavam. Não me mandavam. Mas havia professoras. Naquele tempo, que eu me criei, havia aí 90 e tal alunos. Nunca dei conta que cá viesse a professora falar com o meu pai ou a minha mãe. Era só mais um... Eu saí daqui da terra com os meus pais, que foram tratar dumas fazendas ali para o lado da Covilhã. Saí daqui com 5 anos, vim de lá com 11. Esse tempo que havia de andar na escola, andava lá a guardar as cabras. Por isso, nunca fui a uma escola. Ao fim, o tempo foi-se passando. Os meus pais queriam era trabalho feito. Não se lembravam da escola. Os anos foram-se passando, foram-se passando e eu assim fiquei. Tinha pena de não ir à escola. Via os outros miúdos lá e eu andava aí a trabalhar como um galego. Depois fez falta. Então não fez? Fez sempre. O saber ler faz sempre muita falta. Hoje, tenho pena de não saber. Já se passou muitas coisas comigo. Já andei em negócio, já fiz de tudo. Sei que o saber ler faz muita falta. Naquela altura, a gente queria lá saber daquilo para alguma coisa. Não se lembrava de nada. Depois, chega uma certa altura que a gente vê que as coisas fazem falta. Foi o que me aconteceu a mim.

A escola, no meu tempo, era lá em cima onde está aquele coiso das gravuras. Acabaram-se os alunos, a escola esteve ali até que os telhados caíram para dentro. Por fim, deram ou venderam aquilo à Câmara. A Câmara é que fez lá esse trabalho. As quintas deste e daquele lado de lá era para aqui, para cima, para a escola que vinham. Já desatava do rio para este lado, já pertenciam a esta escola aqui de Chãs d'Égua. Foz d'Égua já era para o Piódão, porque era do rio para lá. No Piódão havia uma e aqui havia outra. Naquele tempo era assim.

Religião "*Para comungar, tinha que ser em jejum*"

Havia catequese como agora há. Eram umas senhoras que ensinavam aos domingos. Marcavam a hora e a gente lá ia para aprender. Levei muita porrada! Levava cada chapada na cara, que até um gajo fica a olhar para o lado. A gente, às vezes, portava-se mal e elas, pimba! Mal a gente se descuidasse lá ia uma chapada na cara. Mas ainda aprendi algumas coisas. Agora é que já não me lembro nem metade do que aprendi naquele tempo. Já me esqueci.

No meu tempo, íamos à festa ao Piódão. A gente pertence ao Piódão. Quando era na festa, faziam-nos passar muita fome. Havia a comunhão e nós íamos lá. A missa durava até à uma hora, duas horas e nós em jejum! Às vezes, com uma fome... E aquilo nunca mais acabava. A gente, cheia de fome, queria comer, mas para comungar, tinha que ser em jejum. Agora, almoçam, vão logo comungar ao fim do almoço. Não percebo nada disto. Já não sei se o Deus que era no meu tempo é igual ao de agora, porque no meu tempo era em jejum. Agora podem almoçar primeiro!

Casa "*As casas de banho eram em baixo de uma oliveira*"

A casa dos meus pais foi feita no ano em que nasci. Quando eu nasci, andava o meu pai a fazê-la. Não é como agora, era à antiga. Era uma casa antiga, velha, em madeira. Tudo madeiras. No meu tempo, as casas eram tudo de madeira. Tem cinco divisões, a cozinha da parte de fora da casa e a adega por baixo, onde está e se faz o vinho. Não tinha casa de banho. Já a fiz depois que voltei para cá. No tempo do meu pai, não havia. As casas de banho eram em baixo de uma oliveira. Fazia-se uma cova na terra... Aí é que era a casa de banho.

Quando me casei, morei na casa que era dos meus avós. Comprei-a. Vivi lá quatro anos ou cinco. Fiz também uma lá em cima na povoação. Fui morar para lá. Ao fim, arranjei outra. Tenho lá em cima duas casas. Uma é do meu filho. É onde ele dorme, quando cá vem. É o dono dela. E eu tenho aqui a minha.

Percurso profissional "*Com o saco às costas*"

Eu estou aqui efectivo há uns sete, oito anos. Andei sempre fora. Até aos 23 anos estive quase sempre por aqui. Depois andei sempre com o saco às costas.

"Tudo às costas"

Andava por aqui a cultivar a terra mais a minha mãe. Naquele tempo, a gente tinha gado também. A nossa vida era essa. Havia de amanhoar as terras, cultivar, acartar lenhas e ajudar a fazer todo o trabalho. Era tudo às costas. A gente ia daqui à Vide buscar carregos às costas a pé "pia fora"¹. Demorávamos quase um dia. Naquele tempo, vendiam e compravam ovos. As mulheres iam vendê-los à Covilhã a pé, com as cestas à cabeça. Chamavam-se as galinheiras.

No meu tempo, era tudo centeio. A gente ia para lá cavar de manhã. Levava uma côdea de broa, uma bucha, dentro de um saco, de um cesto, e passava o dia inteiro a cavar e a cortar giestas. Cavava-se a terra para o fim de se queimar e fazer borralha. Aí é que se semeava o centeio. Naquelas encostas, por cima da povoação, tudo dava centeio. À noite, ainda vínhamos carregados com lenha para aquecermos os pés.

"Carregar sacas de carvão"

Depois, empreguei-me lá em Cebola, que agora é São Jorge da Beira. Pertence à Covilhã. Naquela altura, tinha 23 anos. Foi no ano em que casei. Trabalhei nas minas oito anos, no mesmo patrão do meu pai. Ele era negociante de carvão particular. Tinha camionetes. Eu era ajudante de camionagem. Não era motorista. Não tinha carta. O meu trabalho era carregar sacas de carvão nessa serra. Estavam carvoeiros a fazê-lo e nós a carregá-lo. Levávamos para Canas de Senhorim, para a fábrica de fundições de ferro.

"Levava fardos de cortiça para a praia"

Depois fui para Lisboa. Estive lá dez anos. Não fui à tropa. Os gajos não me quiseram lá. Nem para a descasca da batata!

Havia muita gente daqui. Não era só eu. Tinha lá um primo meu empregado. Ele é que me puxou para lá. Era normal. A malta, pessoal daqui, que estava lá, é que puxava. Os antigos, uns iam puxando os outros. Lá os iam levando ou lhes arranjavam serviço. Tive que me adaptar, que remédio tive eu. A gente desenrascava-se.

¹por aí fora

Trabalhava na cortiça. Levava fardos para a praia, às costas e descalço. Fardos com 70 ou 80 quilos! Era a 2 tostões cada fardo, que a gente levava. Ganhávamos 2 tostões por cada fardo carregado da fábrica, às fragatas, à praia. Quanto mais a gente carregasse mais ganhava. Naquele tempo, a gente andava à demanda do que havia de carregar mais!

Vivia na Cova da Piedade com o meu primo, que me arranjou emprego. Vivi muito tempo com ele. Ao fim, a minha mulher foi para lá também. Esteve lá pouco tempo. Veio-se embora. Naquele tempo, na zona onde eu vivia era tudo quintas. Era só quintas. Figueiras, damasqueiros, amendoeirias, era tudo. Daí é que começaram a juntar. Por exemplo, a Piedade está junta com Almada já há uma porrada de anos. Primeiro, aquilo era separado. A Piedade era num lado e Almada ficava em cima. Ao fim, juntaram. Agora, está tudo ligado. É só prédios. Se lá for, já não sei por onde andava naquele tempo. Agora, já não dou com o caminho.

Ao fim, vim-me embora. Os meus pais estavam aí sozinhos. Começaram a andar um bocado desorientados com a morte do meu irmão e eu vim para cá. Já não voltei lá mais.

"Andei oito anos na resina"

Tornei a vir para aqui. Andei oito anos na resina, a correr matas a resinar pinheiros. Passei tanta sede no meio desses pinhais... A gente a renovar... Tinha que se fazer um corte no pinheiro. De 15 em 15 dias, tem que levar um cortezinho na casca para a resina sair. A casca era pulverizada e injectada com um líquido. A resina era junta numas tigelas de barro, que eram postas ao pinheiro. Em enchendo a tigela, tínhamos que colher aquela resina para umas latas com uma espátula. Rapava-se a resina do púcaro, ia para a lata. Rapávamos de um pinheiro, íamos a outro... Por aí, os pinheiros todos. Em se enchendo a lata, tínhamos que ir despejá-la para tambores. Havia pinheiros que davam 2 quilos. Outros davam 3, outros davam 1. Depende da qualidade deles. O pinhal nem todo é igual. Um dá mais que dá o outro. Pinheiros ao pé uns dos outros, uns enchiam o púcaro e os outros nem meio punham. Depois, acartava-se às costas para a estrada ao cimo da povoação, que não havia estradas aqui. Tambores de 60 quilos às costas, que a gente levava naquele tempo. Levei para lá tantos... Depois, vendíamos. Naquele tempo, a resina valia muito dinheiro. Era bem paga. Era metida em bidões e carregada nas camionetes, lá para as fábricas para Santa Comba, para fazerem certas coisas. Não sei o que é que faziam com aquilo.

Nessa altura, trabalhava por minha conta. Trazia aí pessoal. Uns anos, dava, outros anos, não dava. Tantos anos que eu fiquei sem ganhar nada! Tive um ano

que fiquei sem um tostão, para pagar as despesas todas que tinha com o pessoal. Nós pagávamos um "x" em cada pinheiro. Naquele tempo, era 5 escudos por cada bica daquelas. Cada pinheiro tinha a sua bica. Um gajo fazia as contas ao pessoal, pagava as bicas, pagava tudo, íamos fazer as nossas contas, ficávamos quase a olhar para as mãos. Aconteceu-me isso dois anos. E farto de bater mato em todo o Verão. Andar aí no meio dos matos a resinar. Naquele tempo, estas encostas era tudo pinhal. Era tudo resinado até em cima à serra.

Negócio de vinho e aguardente

Também andei no negócio. Depois de vir de Lisboa, tive uma taberna, uma mercearia durante 20 e tal anos. Andava em negócio por fora, no vinho e aguardente. Comprava aí pelas terras todas. Tinha um macho, a acartar, a transportar aguardente e vinhos para trás da serra para o concelho da Covilhã. Tinha que tentar qualquer coisa para ganhar dinheiro.

"Encostei-me aqui e cá estou"

Ao fim da resina, fui trabalhar para um empreiteiro de Penacova. Ali para Coimbra. Foi o que abriu a estrada aqui da povoação a Vide. Trabalhei lá 14 anos. Ao fim de 14 anos, vim-me embora para casa. Reformei-me. A partir daí, nunca mais saí de cá. Agarrei-me a isto. Encostei-me aqui e cá estou. Aí vou andando. Agora, não faço nada. Cultivar aí umas batatitas, um feijão. Faço o vinho. Não tenho mais nada.

Lugar *A Ilha da Madeira*

As casas que estão aqui, quando eu começo a abrir os olhos, já estava tudo feito. Agora, foram reparadas algumas.

Quando eu nasci, quando eu me começo a lembrar, havia aqui nesta quintarola cinco moradores. Mas em Chãs d'Égua havia muita gente. Havia casais que tinham três filhos. Outros tinham quatro. Outros tinham dois. No tempo em que eu me criei, havia aqui muita mocidade nova. Muita raparigada nova. Eles é que baptizaram cá a quinta a Ilha da Madeira. Por isso, a gente agora diz que é a Ilha da Madeira. Ficou aí, nunca mais se passou. Nunca mais se foi o nome. Às vezes, a mim, dizem-me lá em cima:

- "Olha, aí vem o Zé da Ilha da Madeira!"

"Lavavam a roupa de duas maneiras..."

Naquele tempo, não havia água canalizada. Agora, temos. Toda gente tem água em casa. Antigamente, íamos buscá-la nuns cântaros de barro. Temos uma fonte em baixo na ribeira. Íamos lá buscar a água para gastar em casa. Não havia canalizações, não havia nada... Nada! Naquele tempo, era um problema. Tomar banho era nuns poços aí na ribeira. Lá ia a gente tomar banho. Outros eram nuns alguidares grandes em casa. Para lavar a roupa, era na ribeira. Íamos lavar e esfregar em cima daquelas fragas. Não haviam máquinas, não havia nada. As mulheres juntavam-se no ribeiro e esfregavam e lavavam naqueles poços. Lavavam a roupa de duas maneiras...

"Até um gajo se punha preto com o fumo"

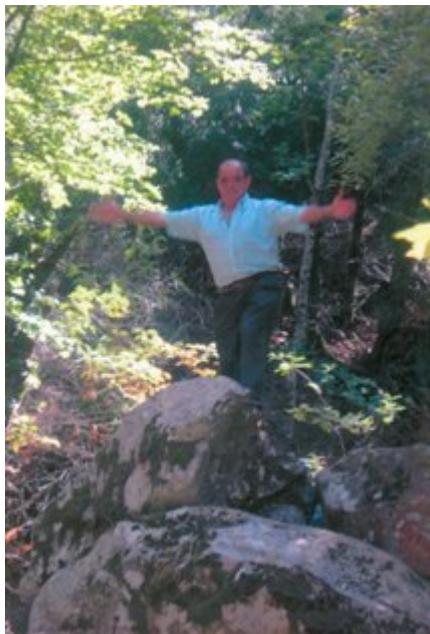
Nessa altura, não tínhamos luz. Para alumiar, tínhamos candeeiros a petróleo. Ainda os tenho ali. Não me desfiz deles. Agora, não servem para nada. E ainda bem! A gente está habituada à luz. Se faltar aí um dia, a gente já não sabe o que faz. Naquele tempo, não estranhávamos. Não tínhamos luz. Apagava-se o candeeiro, não havia mais nada. Também usávamos as pinhas dos pinheiros. Acendiam-nas, um segurava e o outro comia. Ao fim, trocavam.

Para aquecer, era a lenha na fogueira, na lareira. Não havia outra forma. Era melhor que os aquecedores. A gente aquecia-se melhor. Os aquecedores só fazem mal. Aquilo, não. Até um gajo se punha preto com o fumo à noite. A lenha molhada botava fumo. Um gajo, às vezes, até ficava negro! As casas antigas, onde havia lareiras, não tinham chaminés. Naquele tempo, não havia. Ao fim de uns anos, as madeiras lá por dentro estavam envernizadas. Envernizadas, mas era de verniz negro! Ficaram todas pretas. Agora, já é tudo moderno, já está tudo bem. Ainda bem que é assim.

"Os velhos duravam até aos 100 anos"

Se estivéssemos doentes, chamávamos os médicos. Vinham cá a cavalo ver algum doente que estivesse aí. No meu tempo, havia aí uns corajosos, umas pessoas que davam uns remédios de ervas e de uma coisa e de outra. Não davam injecções, não davam nada. Era um barbeiro no Piódão. Esse é que vinha tratar dos doentes. Lá receitava uns remédios e uns chás de umas ervas que havia para aí. Umas coisas. Ao fim, a gente tomava aquilo. Uns melhoravam, outros

pioravam. Uns tomavam "champorrião"² de mel com aguardente, outros comiam aguardente com pão. Ele também bebia aguardente. Ele queria era aguardente. E fazia bem. Isso é que era o ideal. Por isso é que os velhos duravam até aos 100 anos. O meu avô morreu com 92 anos. Nunca tinha ido ao médico. A minha mãe com 93. Lembra-me pouco de ela tomar medicamentos.



José Romão Antunes (Manteigas, 2007)

"Nevões que estavam meses"

No meu tempo, o Inverno era pior que agora. Vinham aí nevões que estavam meses. Agora, não. Vem a neve e vai-se logo embora ao fim de duas ou três horas. Já não há neve. No meu tempo, estes cômoros "pia fora"³ estava tudo lisinho.

²bebida feita de aguardente com mel

³por aí a fora

"Pia cima"⁴ não se via um cômodo. Os bocados ficavam lisinhos. Na povoação, lá em cima, havia anos que uns tinham que ir cavar a neve à porta dos outros, que não saíam para a rua. Às vezes, fazíamos bolas de neve. Mas não tínhamos grande campo para isso. Era tudo quelhadas. Onde se podiam fazer, fazíamos aquelas bolas grandes de neve.

A terra agora é muito diferente. Naquele tempo, era capaz de ser melhor que agora. As pessoas entendiam-se melhor umas às outras. Não havia guerras. Novos e velhos, tudo comia, tudo bebia, tudo brincava. Eram mais humildes. Agora, não são. É tudo mais soberbo que no outro tempo.

Gosto daqui. Tenho cá o que é meu, tenho cá tudo. Fui criado aqui. Antes quero estar aqui que lá em cima. No Verão, a gente passa aqui uma vida desgraçada com o calor. Faz muito calor. Dá aqui o sol de manhã até à noite. No Inverno, aqui é mais quente que lá em cima. Estamos melhor. Lá em cima não dá sol e aqui dá. Por isso é que eu gosto de estar aqui. Tenho lá em cima onde estar, mas eu antes quero estar aqui.

Costumes *Usos e costumes*

"A festa melhor é a da minha terra"

As pessoas iam às festas ao Piódão. Era a festa dos santos, do padroeiro, que lá têm. Aqui também fazemos festa todos os anos em Agosto, fins de Agosto. Nós, aqui, é o São João Baptista, que é o padroeiro da capela. É melhor. Para mim, a festa melhor é a da minha terra.

Há os dias da festa, que é dos santos. Fazem procissão todos os anos. Era como nos outros lados. Saem as bandeiras, saem os santos, vão lá adiante onde era a escola e dão a volta aqui ao povo. Ao fim, regressam à igreja outra vez. Destes anos para cá, só costuma sair o Santíssimo. Outra vez, sai o São João Baptista. Outras vezes, saem os santos todos. Há aí uma data deles. Vão tomar ar. Ao fim, há um dia que é o almoço da Comissão. Todos os anos fazemos um almoço. Por exemplo, as festas dos santos é sexta e sábado. No domingo, há o almoço da Comissão. Já há muitos anos que fazem isto. Antigamente, não. Agora, já há muitos anos que começaram a fazer isto. É a Comissão que faz. É um convívio. Junta-se o pessoal todo ao almoço lá no largo. No largo é que é o banquete.

⁴por aí acima

No meu tempo, havia baile. Agora, não. Não há mocidade! Agora só há cá velhos. Antes, dançavam. Mas era dançar às fugidas, que os padres não as deixavam dançar. Tinha de ser às escondidas. Eu nunca dancei na minha vida. É coisa que nunca fiz. Dançar para quê? Se estivesse a ver, estava mais descansado. Andar lá agora aos saltos...

"O Natal era comer e beber"

Aqui, o Natal era comer e beber. Era diferente. Foi sempre diferente. No meu tempo, estava cá o pessoal todo, havia muita gente. Havia o Natal, havias as festas, havia fogueiras. Faziam uma fogueira mesmo no largo ali da praça, no meio da povoação. Aí, era a fogueira todos os anos. Íamos à lenha buscar aqueles cepos grandes, fazia-se ali um monte e queimavam-se. Quando era aí a partir da meia-noite, era "champorriões"⁵ de aguardente com mel, era chouriços assados, era tudo! Fazia-se, umas vezes, arroz-doce, outras vezes, uns bolos... Era o que calhava. Agora, não. Vêm de Lisboa meia dúzia de pessoas, que foram os que cá estiveram. O Natal é como o dia de hoje e de amanhã. É um dia como outro qualquer. Já nem fogueiras fazem.

"Chamávamos nós as Janeiras"

Nas Janeiras, andávamos de volta pelas casas. Dávamos a volta à rua, às casas todas. Uns davam um chouriço, outros davam uma chouriça, enfiadas num pau. Toda a gente dava. Chamávamos nós as Janeiras. No outro tempo, quando eu era novo, miúdo, que eu me começo a lembrar, toda a gente criava porcos. Então, um dava uma chouriça, outro dava um bocado de carne. A gente juntava aquilo tudo lá onde costumava fazer a fogueira. Ao fim, metíamo-las num caldeiro, eram cozidas e fazíamos a salada. Toda a gente comia e bebia.

Carnaval e Páscoa

No Carnaval, mascaravam-se. A gente, às vezes, vestia-se de palhaços. Não era como agora. Umas "véstias"⁶ velhas antigas das mulheres. A gente vestia-se e andávamos aí pelas ruas, pelas casas. Corríamos as casas todas. Brincava-se. Às vezes, faziam partidas. Não faziam mais nada. Era dar umas voltas e andar por aí.

⁵bebida feita de aguardente com mel

⁶vestes

A Páscoa era como agora. Na Quaresma, não se podia comer carne. Mas eu, quando era novo, também era malandro. Às vezes, roubava à minha mãe. Ela não queria que eu comesse, mas eu roubava-lhe e comia. Um gajo tinha fome, não havia de comer? Tinha que jejuar... Eu nunca fiz isso. Faziam-me jejuar, mas eu não jejuava. Então, um gajo tinha fome!

"Por causa das trovoadas"

Também se faziam as cruzes para pôr nas ombreiras das portas. Chamam àquilo o Dia de Santa Cruz. Diziam que era por causa das trovoadas. Detrás da minha porta ainda lá está uma já do tempo do meu pai. A gente punha, aí nos bocados, quando era Dia de Santa Cruz. Nesse dia, onde havia centeios lá por cima, cada um ia pôr sua cruz no seu terreno. Diziam os antigos que era por causa das trovoadas. Mas aquilo dá alguma coisa? A gente não sabe. A gente sabe lá. Os antigos é que já diziam isso. Íamos lá pôr as cruzes. Ainda o ano passado pus uma ali nos bocados que eu tenho.

"A gente só comia carne na festa"

O dia de matança do porco era uma festa. Cada um matava os porcos que tinha e, ao fim, ajudavam-se uns aos outros. Hoje, tinha um porco para matar. Vinham-me ajudar. Amanhã, ajudava o outro. Matava-se e começava-se logo a comer nele. Era partir, comer e beber. Uma festa! Então para a miudagem nova, era uma alegria! Gostavam.

A gente, naquele tempo, só comia carne na festa. Quando eu era miúdo, toda a gente tinha gado. Então, um, dois meses antes da festa, apartavam a rês mais velha que lá tinham para engordar, para matar. A gente dizia:

- "Eh, pá! Nunca mais vem a festa... Nunca mais vem a festa..."

A gente queria era comer um bocado de carne! A festa nunca mais chegava.

E galinhas, só se estivesse para morrer. Ao fim, a pessoa já não comia a galinha. Diziam:

- "Ai, coitadinha... Olha, morreu e já não chegou a comer a galinha..."

Agora, come-se carne todos os dias. Naquele tempo, não. Quando a gente era nova, passou uma vida... Ah, coitados... Agora, a vida é outra. O ambiente é outro. Ainda bem. Nós, naquele tempo, era um problema.

A carne era diferente. Para melhor! O porco demorava um ano a criar. Compravam-se pequeninos. A gente criava-os cá só com hortaliças e farinhas dos nossos milhos. Era muito mais gostosa. Agora, são criados à pressão. É como os frangos. Já deixei de criar, mas criava-os aí com hortaliças. O que a gente cria

é muito melhor. A carne é mais rija que aqueles que a gente compra. Os que a gente compra, no fim de cinco minutos já estão desfeitos.

"Toda a gente cultivava e cozia"

Toda a gente cultivava milho. Estas terras, tudo dava milho. Era apanhada a espiga, era debulhado e era seco. A apanhar o milho e a fazer a desfolhada, ajudavam-se uns aos outros, à noite. Hoje era um, amanhã era outro.

Naquele tempo, a gente ajudava-se uns as outros. Era ajuda por ajuda. Não era a pagar. Hoje, ajudava aqui, amanhã, ajudava ali, outro dia, ajudavam-me a mim. Era na criação do milho, era nas vindimas, na azeitona, às vezes... Aqueles que amanhavam mais depressa, ao fim, iam ajudar os outros que ainda estavam atrasados. Era assim que se fazia naquele tempo.

O milho, secava-o nas terras. Tinha que secar o grão. No fim de o milho seco num estendal - como a roupa -, a gente apanha-o e é malhado com uns paus. Depois, é arrecadado numa arca. De lá, é que conforme a gente ia moendo, assim ia tirando. Cada vez que queria cozer o pão, ia moer nestes moinhos de pedra, a água. Naquele barroco, por cima do povo, há sete moinhos. E havia sete moinhos, naquele tempo, a moer milho. Eram das pessoas daqui.

Antigamente fazíamos o nosso pão. Na altura toda a gente cozia. Temos fornos aqui em cima. Aqui, temos um da povoação toda. Era de nós todos, mas cada um cozia para si. Não era junto. Hoje cozia eu, amanhã cozia outro, outro dia cozia outro. Não andávamos à espera uns dos outros. Não coziam todos no mesmo dia nem na mesma hora.

Vinho e aguardente

O meu pai fazia vinho. Hoje faço o meu. Naquele tempo, era tudo esmagado a pé. A gente tinha que o esmagar bem. Quando aquelas dornas estavam cheias, a gente tirava as calças e ia lá para dentro quase em pelotas. Às vezes, os cachos estavam gelados. A gente lá metido dentro daquele vinho com os pés... Ainda hoje há tanques desses. Há cooperativas que ainda usam esmagar a pé. Mas hoje já há esmagadores. É uma maravilha. Fica mais esmagado, porque o vinho é muito e, com os pés, o bago foge. A gente não os consegue apanhar bem. E ali não. Ali, quanto se põe, quanto se esmaga. Fica tudo esmagado.

Também faço aguardente no alambique. A gente enche o alambique com o cardaço do vinho. Tira o vinho, fica o cardaço. Barra-se com barro em volta da cabeça, por cima. Agora, a minha, faço-a a gás. Já há três anos. Comprei um fogão próprio a gás do industrial. Mete-se debaixo do alambique e apoia-se em

cima. No fim de estar a ferver e começar a deitar aguardente, a gente regula-lhe o lume tal e qual que se regula uma panela num fogão, igualzinho. Um gajo pode dormir um sono, pode estar descansado. Não é preciso lá estar mais a olhar para aquilo. É mais fácil e dá menos trabalho. Também já não posso trabalhar muito, que já estou cansado. Com a outra de lenha, a gente, ora agora põe um pau, deita muito. Se lhe tiramos, começa a botar menos. E ali é certinho. Aquilo, de fora, tem uma serpentina com a água. Há o tubo que sai do alambique ligado à serpentina. A água está sempre a correr e a aguardente passa por dentro do tubo que está dentro da água que é para sair fria para o cântaro. Sai aquela bicazinha sempre certa. É assim que se faz. Faça-a e não a bebo. Aguardente para mim, não. O meu pai, que Deus tem, fazia-a e bem. Sabia fazer aguardente, mas nunca o vi beber. Nunca bebeu aguardente, aquele homem. Eu também não. É coisa que não me faz falta nenhuma. Depois, uma vende-se, outra dá-se, outra deixa-se estar em casa.

Queijo, azeite e mel

Também fazíamos queijo aqui. Era do meu tempo. Toda a gente fazia queijo de leite de cabra. A minha mãe fez muitos. Aquilo era coalhado, depois era metido e feito nuns acinchos. Era apertado e deixá-los estar.

Aqui, houve sempre muito azeite. Há três anos é que isto ardeu tudo e agora há menos. Íamos aos lagares moer. Havia um ao fim de Foz d'Égua. Era onde a gente ia moer. Pertencia a diversos. Mas já não é do meu tempo, era muito antigo. Daqui, levávamos a azeitona em sacos acartada às costas "pia baixo"⁷. Para cima, era igual. Mas como era azeite, já se trazia melhor que a azeitona. Era menos pesado. Pagávamos um "x" por cada litro. Era: de 12 tiravam 1 litro. 12 para nós e 1 litro para o lagar. Era o que a gente pagava. Cobravam eles.

Naquele tempo havia pouco mel. As abelhas era tudo em cortiços. Agora já há muitos móveis, mas naquele tempo era só cortiços.

⁷por aí abaixo